

AO CONTRIBUIRMOS PARA O MPLA REFORÇAMOS A NOSSA INDEPENDÊNCIA, declarou o Presidente Samora Machel ao receber os donativos para o movimento angolano.

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Mós Machel, recebeu ontem ao fim da tarde no Palácio da Presidência, uma Delegação da Sede do Partido que, em cerimónia simbólica, lhe fez a entrega do produto da contribuição do Povo Moçambicano para ajuda ao Movimento de Libertação de Angola, feita através da Campanha Nacional de Solidariedade solenemente iniciada pelo Presidente Samora Machel no passado dia 11 de Novembro no estádio da Machava e que totalizou até agora uma importância superior a vinte milhões de escudos.

PALAVRAS DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL

Após dirigir-se a todos os presentes, o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Mós Machel, começou por afirmar:

«Para nós, que estamos habituados a receber ajuda dos outros povos, habituados a receber a solidariedade internacional, vemos o nosso Povo dar também uma pequena contribuição, dividir a sua vitória com outros povos, para eles poderem triunfar, é motivo de grande emoção, para todos nós.

O povo moçambicano, de Rovuma ao Maputo, decidiu derrubar o colonialismo português porque foi objecto da solidariedade internacional de países subdesenvolvidos, países pobres como nós.

Quando lutávamos contra o colonialismo português dizíamos que a nossa luta era não somente contra o colonialismo português, mas contra os reaccionários nacionais, contra os agentes do inimigo e os representantes potenciais do imperialismo internacional.

A Independência em si, não é difícil. Mas consolidar a independência, preservá-la libertar o povo da dependência do

capitalismo e do imperialismo — essa é que é a tarefa mais difícil. É a tarefa que o MPLA hoje enfrenta, e nós também aqui enfrentamos. Por isso, sentimo-nos orgulhosos ao vermos o nosso povo dar uma pequena contribuição. Isso mostra a compreensão profunda da definição do nosso inimigo, de como é que nós queremos construir o nosso País.

Quem são os nossos inimigos permanentes? Quem é que quer destruir as nossas vitórias?

Dar uma pequena contribuição para a justa luta do povo angolano não é um acto generoso. Não é um acto de caridade. Trata-se de uma ajuda mútua, de uma defesa comum. Trata-se de consolidar essencialmente as vitórias conquistadas para o povo moçambicano. Ao dar um dia de trabalho, um pequeno salário, o povo de Angola, defende directamente a Independência de Moçambique.

Parece que este é o ponto central. Porque é que contribuimos? Para quê? A resposta aqui está: contribuimos para podermos consolidar a nossa independência, as nossas conquistas, para podermos desen-

volver o processo revolucionário. Contribuímos para podermos defender as forças progressistas em Angola, as forças progressistas em Moçambique, as forças progressistas no Mundo. Contribuímos porque Angola está sendo agredida neste momento pelo imperialismo internacional. As forças reaccionárias internacionais também, querem fazer de Angola um campo de experiências. Querem fazer triunfar em Angola as ideias erradas; colocar lá um estado fantoche a soldo do imperialismo.

Nós queremos consolidar em Angola as forças progressistas, a revolução angolana. E ao consolidarmos a revolução angolana estamos a consolidar a revolução moçambicana, a revolução mundial, a revolução de todos os povos oprimidos, porque não há nenhum povo fantoche. Não há nenhum povo que queira ser oprimido. Não há nenhum povo que queira ser explorado e humilhado. Todos os povos querem a independência, a liberdade, a paz e o progresso.

Ao contribuirmos para o povo angolano, significa que

queremos impulsionar o progresso no nosso País, o desenvolvimento económico e este não está separado do desenvolvimento da nossa consciência. Por isso, esta pequena contribuição que acabamos de dar ao MPLA (quando dizemos ao MPLA, dizemos ao povo angolano), criamos barreiras intrasponíveis, obstáculos ao avanço do imperialismo, quer dizer, bloqueamos o seu avanço.

O avanço do imperialismo em Angola, é para fazer de Angola ponto de partida para atacar a África. Quando dizemos a África — a África realmente independente. O que é que significa «realmente independente»? — Que não depende do capitalismo e do imperialismo. Aqueles países de África que têm a sua política de se apoiarem nas suas próprias forças para o desenvolvimento. É por isso que nós em Moçambique anunciamos a política de aldeias comunais. A nossa estratégia de desenvolvimento do País, a nossa vitória.

A nossa contribuição para a luta dos outros povos será mais efectiva, será mais positiva

quando nós triunfamos na construção das aldeias comunais. Canalizaremos melhor os nossos esforços, as nossas energias; conjugaremos melhor os nossos pensamentos, formaremos o pensamento comum a partir das aldeias comunais. Saberemos escolher melhor a via que todos escolhemos, o sistema popular, o sistema socialista, o sistema em que o povo participa activamente na discussão, na planificação e na execução. É por isso que nós apoiamos o MPLA. É por isso que nós apoiamos a luta do povo angolano.

Queremos bloquear o avanço do imperialismo, não queremos que o imperialismo faça de Angola a sua base de avanço.

A África do Sul não é senão um destacamento operacional, um instrumento do imperialismo; destacamento de avanço para abrir brechas nos nossos estados, nos nossos países, para instalar, em seguida, agentes do imperialismo, agentes potenciais, os seus representantes fiéis na forma e no pensamento. Por isso nós pensamos: para consolidarmos a nossa independência, só desenvolvendo a consciência que compreende o que é a solidariedade. Mas a solidariedade não é espontânea. Representa o desenvolvimento da nossa consciência e só o podemos compreender se estivermos todos nos enquadramos nas estruturas do Partido, da FRELIMO e de massa.

É por isso que a juventude moçambicana, os trabalhadores, os camponeses, os operários, os funcionários, gente de todas as camadas sentiu a necessidade de dar esta contribuição porque se trata da mesma luta, de destruir o sistema que dá privilégio a um punhado, a uma minoria que impede o desenvolvimento da consciência do nosso povo: os sistemas capitalistas.

É por isso que o MPLA, em Angola, porque defende o sistema popular é alvo do imperialismo. Hoje a luta de Angola é uma luta difícil.

E não podemos lembrar somente a intervenção imperialista. Temos que analisar quem são os que convidam os sul-africanos para invadirem Angola. São os nacionais, os reacconários.

O reacconário não tem sexo, não tem cor, nem pátria. O reacconário não tem povo. É por isso que os agentes do imperialismo em Angola — a FNLA, dirigida por Holden Roberto, agente do imperialismo internacional há muitos anos; a UNITA, criação dos portugueses para representar as suas riquezas (o senhor Jonas Savimbi, uma criação dos por-

tugueses) e, ao fim e ao cabo, os dois juntos formam grandes reacconários nacionais — são eles que hoje submetem o povo a massacres.

Nós também temos aqui os nossos reacconários: agentes que não querem ser como o povo, viver como o povo. Não querem ser como os outros — e, esses, são homens de todas as raças, são pretos, são brancos; são homens, são mulheres. Por isso dizemos quando nós contribuimos para Angola defendemos a nossa revolução em Moçambique.

Como nós também temos aqueles agentes, como é que os vamos destruir? Como é que vamos combatê-los? Só intensificando um trabalho colectivo, um trabalho organizacional, sobretudo um trabalho ideológico, um trabalho político a todos os níveis. Assim compreenderemos que todos nós temos a mesma tarefa, a de reconstruir o nosso País. E só nós não existamos, enquadrados em nenhuma estrutura não compreenderemos a nossa tarefa actual. Por isso passaremos a criar intrigas entre nós e boatos. Muitos pensam que existe Partido, Governo, o Povo. Eu queria dizer que não há Partido sem Povo, não há Governo sem o Povo. O Partido existe porque existe o Povo; e, a aliança entre o Partido e o Governo, são relações íntimas. O partido e o governo — estruturas diferentes, com tarefas diferentes, mas é a mesma tarefa, de enquadrar o Povo, de velar toda a execução e, sobretudo, elevar o nível de produtividade, de consciência e isso só é possível havendo noção de disciplina no seio do Povo, do Partido, e do Governo.

A quebra de produtividade em Moçambique é porque não vivemos organizados. Não estamos organizados, não estamos estruturados, e não conhecemos portanto as nossas tarefas, as estruturas que existem no nosso País, as relações entre o Partido e o Governo e isso é uma falta que será utilizada pelo inimigo e que constitui grandes brechas. Sabemos que nas empresas privadas há indisciplina, há liberalismo. Ao nível do Governo há ignorância do que são estruturas e hierarquia. O Estado Popular é caracterizado pela disciplina, que significa compreensão profunda da nossa política, conhecimento do nosso lugar dentro das estruturas. Só assim é que estaremos em condições de respeitar a hierarquia, o que significa respeitar as estruturas.

Respeitarmos as estruturas em que estamos organizados e exigimos, em seguida, se todos nós nos sentirmos moçambicanos, livres e independentes porque, a partir daí, estaremos em condições de lutar contra o liberalismo, contra a anarquia que são características de um Estado capitalista.

Por sua vez, a disciplina é uma característica de todos os revolucionários. A característica de um revolucionário é a disciplina que significa conhecimento profundo do que são estruturas, do nosso lugar dentro delas, significa que vivemos sempre programados, que vivemos sempre com um plano.

É é isso que nos vai permitir dar uma maior contribuição para a revolução mundial, elevar a produtividade, saber o que é a solidariedade e definir correctamente as prioridades dentro do nosso País, as tarefas que devem ser realizadas.

Queremos aqui exaltar muito o espírito internacionalista demonstrado pelo nosso povo — homens, mulheres, jovens, velhos, gente de todas as camadas — por ter escolhido a luta de Angola como base de avanço do Povo moçambicano. Temos nas nossas fronteiras, na contribuição que dá ao MPLA e que começa a construir a nossa consciência nacional, o nosso vir e o dia de amanhã, para reparar as estruturas? De onde virá o dinheiro para reconstruir sobre as ruínas causadas pelo colonialismo e agravadas pela guerra de agressão colonialista? E dizemos que isto é o começo porque sabem que vivemos cercados pelo imperialismo; temos a África do Sul com a sua política discriminatória, a sua política de humilhação. O povo da África do Sul não está livre, vive discriminado. O povo não participa plenamente na sociedade.

Temos problemas no Zimbabwe. Como se sabe Ian Smith, irresponsável que é, continua, constantemente, a agredir o nosso País. É a luta do Zimbabwe, queremos repetir aqui, é uma luta do Povo moçambicano. É no Zimbabwe que nós temos de participar. Não é com a fuga que resolveremos os nossos problemas. Só os resolveremos, correctamente, se participarmos, se tomarmos a luta que está a travar-se no Zimbabwe como a nossa própria luta. Temos de dar uma parte da nossa vida para que o povo do Zimbabwe seja livre.

Por isso dizemos que é o começo. Tercemos de dar maior contribuição em dinheiro, em vidas e em material para que o povo do Zimbabwe seja livre, o mais rapidamente possível.

Vivemos momentos de transformações. O vento da História sopra com muita velocidade e temos de o aproveitar. Quando o vento sopra, devemos içar as velas. Portanto, as condições são bastante favoráveis à Revolução, à luta de libertação nacional.

Libertando o Zimbabwe, alargamos a base, a da zona libertada da Humanidade. Não só a base económica, social e cultural, mas a zona libertada da Humanidade. Pensamos que o nosso povo deve viver a luta que se desenvolve no Zimbabwe.

Para além disso, temos outros programas da reconstrução nacional. Temos que erguer sobre o rio Rovuma uma ponte que tem o nome de «Ponte da Unidade» — unidade com o povo da Tanzânia — que vai destruir, totalmente, as barreiras criadas pelo colonialismo.

E há outros programas. Programas educacionais. A maioria, no campo rural, não tem escolas e teremos de contribuir para a construção das escolas. A maioria, no campo rural, não tem serviço sanitário. Há pessoas que morrem com simples dores de cabeça, com uma simples cárie dentária. Teremos de contribuir. Não temos outra fonte senão as nossas próprias mãos.

Temos bases para o desen-

volvimento económico do nosso País. Temos a terra, temos os rios e temos os homens.

Nós transmitiremos este sentimento ao nosso povo, do Rovuma ao Maputo, para com o povo de Angola. Não diremos obrigado, porque é um dever. Não podemos dizer ao nosso povo «obrigados», o povo agradecer-se-á a si próprio. O

que temos a fazer é aumentar a nossa solidariedade. Vivemos sabendo que há outros povos que continuam oprimidos e que só com a nossa participação, com a nossa contribuição é que eles serão livres. O Povo moçambicano tem compreensão do que é a solidariedade. A solidariedade não é um acto de cordão. É um dever de todo o combatente, de todo o militante, de todo o revolucionário.

Por isso queremos agradecer ao tesoureiro, ao secretário do Departamento de Tesouraria e Finanças da FRELIMO esta contribuição de que acaba de fazer entrega aqui e que canalizaremos para o MPLA, para que o povo de Angola consiga vencer o imperialismo, as sequelas do colonialismo do nosso continente.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-01-07)